

Menos alunos pagando, o fruto da

crise

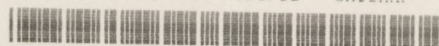
MAYRINK, José Maria. Menos alunos pagando, o fruto da crise.
O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 set., 1984.

As universidades e escolas isoladas particulares, ainda responsáveis por 70% do ensino superior em São Paulo, estão cada vez mais longe dos tempos de euforia, início da década de 70, quando a educação era um bom investimento e as matrículas se multiplicavam. Os candidatos estão diminuindo nos vestibulares e a evasão aumenta

durante o curso, sempre que os alunos não conseguem estudar à noite para trabalhar durante o dia. Como as perspectivas profissionais do mercado não atraem, as faculdades tratam de modernizar seus currículos em busca de novas habilitações. A anuidade não paga os custos e, por isso, algumas recorrem ao intercâmbio com indústrias e empresas.

JF 8.7.9.17-1

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE033384

MAYRINK, José Maria. Menos alunos pagando o fruto da crise.
O Estado de São Paulo, 23 set. 1984.

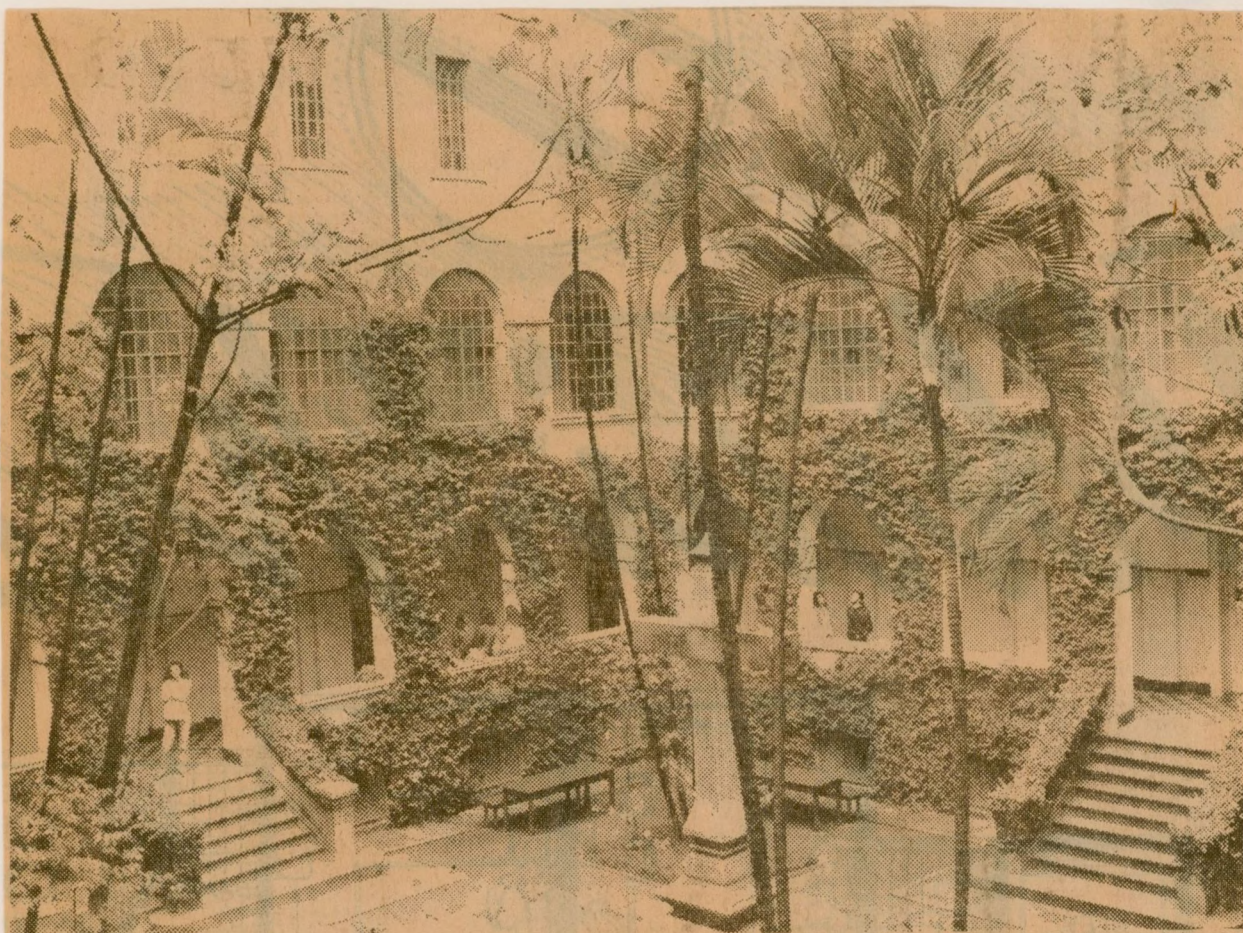
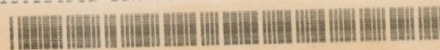


Foto Geraldo Guimarães

No campus da PUC, a maioria dos estudantes prefere estudar à noite para trabalhar de dia



EM MOGI das Cruzes, opção é a qualidade. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 set. 1984.



A partir desta semana, às quintas-feiras e domingos, uma série de artigos de professores e especialistas sobre a universidade. Vão levantar problemas e mostrar quais são as melhores soluções.

Em Mogi das Cruzes, opção é a qualidade

Resultado de uma época em que a autorização indiscriminada para implantação de cursos superiores transformou o ensino particular num negócio extremamente rendoso, a Universidade de Mogi das Cruzes — cuja mantenedora, a Organização Mogiana de Educação e Cultura (Omec), foi criada há 22 anos pelo ex-padre e ex-deputado Manoel Bezerra de Melo — atravessa agora uma de suas maiores crises, com uma sensível redução no número de alunos.

Os 18.500 estudantes que frequentavam seus cursos no final da década de 70 caíram para 15 mil no ano passado e são apenas 14 mil no ano letivo de 84. É uma situação que, ao menos aparentemente, não chega a abalar a sólida estrutura dessa escola, cujo chanceler, o cearense Bezerra de Melo, se dá o luxo de dirigi-la, através de um moderno sistema de computadores, de sua suntuosa residência no sofisticado bairro da Aldeota, em Fortaleza, para onde se mudou há pouco tempo.

Em Mogi, o reitor Casimiro Ayres Cardoso garante que “a universidade não está preocupada em ter um número muito grande de alunos, mas em estabelecer um padrão de qualidade”. Ele acredita que já passou a fase de expansão e agora a instituição atravessa um período de adaptação, mais voltada para o nível do ensino.

Embora ache “chato” falar sobre isso, Casimiro admite que se encaminha para um ensino superior “mais seletivo”: em consequência da crise econômica, “o curso universitário deixou de ser passaporte para o sucesso, pois agora depende da qualificação do profissional a possibilidade de conseguir um lugar no mercado de trabalho”.

Menos vagas e mais qualidade

Dona de um respeitável patrimônio, avaliado em Cr\$ 5 bilhões em outubro do ano passado (ele inclui o **campus** com quatro enormes prédios, centro esportivo com ginásio coberto, piscina, quadras e pistas, além de um hospital universitário em fase de conclusão), a universidade tem 900 professores e 300 funcionários, com 24 cursos regulares nos centros de Ciências Biomédicas, Humanas e Exatas e Tecnológicas.

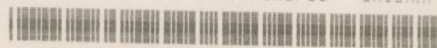
Esta escola, que se volta, em plena crise, para o chamado “padrão de qualidade” (que seus alunos, por sinal, põem em dúvida) e garante que para isso já cortou, desde 1980, cerca de 50% das vagas de Medicina e 30% de Odontologia, orgulha-se de cobrar as mensalidades mais baixas de todo o Estado de São Paulo, sobretudo nas áreas de Exatas e Humanas, perdendo apenas para a Universidade Mackenzie.

Embora ainda seja uma das maiores universidades particulares do País, ela está vendo diminuir o número de alunos principalmente nos cursos de Engenharia, por causa de dois fatores básicos: cobrança de correção monetária sobre as prestações atrasadas e alteração do sistema de crédito educativo do governo.

No segundo semestre do ano passado, os alunos boicotaram o pagamento das anuidades e ocuparam reitoria durante 16 dias. O reitor lembra que “estudantes que tinham bom aproveitamento não compareceram para os exames e para a segunda época porque deixaram de pagar as mensalidades, o que tornou suas dívidas muito pesadas”.

Mas, apesar dos problemas, em 1984 houve uma evasão de apenas 4%, segundo Casimiro Ayres Cardoso, agora muito confiante no futuro, admitindo até a reabertura de cursos como o de Jornalismo. Ele considera “ultrapassadas” as informações sobre negociações para a venda da Universidade de Mogi das Cruzes, embora observe que a última palavra cabe ao chanceler Bezerra de Melo.

Os entendimentos para a venda estiveram adiantados em 1979, quando a Igreja Evangélica de Confissão Luterana quase comprou a escola. E, ano passado, ela por pouco não foi assumida pela Fundação Municipal de Ensino e Pesquisa, da Prefeitura de Mogi das Cruzes. O que corre hoje na cidade é que o multimilionário Manoel Bezerra de Melo não se interessa mais pela instituição e não hesitaria em aceitar uma boa oferta.



MAYRINK, José Maria. Mercado novo? Cursos modernos. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 set., 1984.

Mercado novo? Cursos modernos

Jornalismo tem currículo indefinido e inútil? Suspenda-se o curso. Pedagogia e Letras estão preparando profissionais frustrados? Reformule-se a orientação. O campo está saturado para engenheiros civis? Que a Engenharia ofereça habilitações novas. O mercado já não absorve dentistas tradicionais? Pois vamos dar ênfase à prevenção. Os estudantes de Psicologia não têm onde fazer estágio? Monte-se uma clínica.

Os problemas são os mesmos. Mas poucas escolas, principalmente se forem instituições grandes e acomodadas, serão capazes de encontrar para eles soluções rápidas e radicais como as Faculdades Objetivo, uma organização ainda jovem e ágil que consegue identificar as dificuldades com rapidez e tem coragem de atacar o mal pela raiz — fechar um curso, por exemplo — sem demora nem burocracia.

"Corremos o risco do gigantismo, pois a família Objetivo é muito grande (uma população de 80 mil alunos em 31 cidades), mas partimos para a descentralização, com firmas separadas para faculdades, colégios e cursinhos", diz João Carlos Di Genio, o médico-cirurgião que começou preparando candidatas para os vestibulares e hoje dirige toda a organização.

A agilidade explica-se pela estrutura dos três institutos que formam as Faculdades Objetivo: os diretores têm autonomia para resolver os problemas e acesso fácil ao presidente da mantenedora, quando a decisão depende dele.

"Tudo se resolve com rapidez e isso facilita muito o dia-a-dia, pois alunos e professores não estão sujeitos a exigências burocráticas", observa Nicolau Tortamano, diretor do Instituto de Odontologia, o curso mais novo, que está formando este ano a sua primeira turma de 80 dentistas.

Isso significa, por exemplo, que os currículos podem ser adaptados com

flexibilidade e presteza, se a congregação e o conselho de departamento assim entendem. Os contatos são simples e deles participam os alunos, como aconteceu no curso de Psicologia, onde eles entraram na comissão paritária que aprovou uma reforma.

"Fazemos uma verificação constante do mercado e, de acordo com os dados, vamos reformulando os estágios, sempre readaptados", informa Marília Helena Bresser, chefe do Departamento de Psicologia Clínica e Social, que tem um cadastro dos ex-alunos e supervisiona o seu trabalho no início da carreira, oferecendo cursos de extensão e aperfeiçoamento.

As Faculdades Objetivo dão muita importância ao estágio de seus alunos e por isso incentiva o contato com empresas e indústrias que possam empregá-los. Ou vão buscar a experiência de fora para transmiti-la nas salas de aulas:

"Nós trazemos sempre profissionais de sucesso para conferências e cursos regulares", diz Fábio Romeu de Carvalho, vice-diretor do Instituto de Engenharia, lembrando que representantes das maiores construtoras costumam frequentar a faculdade para contato com os estudantes. "Um contato pelo qual a gente percebe quais são os seus anseios, sua postura e sua ética profissional", acrescenta o diretor, Jan Arpard Mihalik.

No caso de Jornalismo, a decisão foi fechar o curso ("um ato de coragem", segundo Di Genio), mas outras vezes não foi necessário ser tão radical. O diretor do Instituto Unificado Paulista, responsável pela área de Ciências Humanas, Yugo Okida, lembra o exemplo de Letras:

"Em vez de formar professores para o desemprego, adaptamos o currículo para a preparação de tradutores e intérpretes. E, na Pedagogia, optamos pela

pré-escola, descobrindo assim caminhos novos".

A saída poderá ser Computação na área de Ciências Exatas (Di Genio já pediu), como foi na Odontologia a ênfase que se deu à prevenção dentária. Mas não basta adaptar e modernizar os currículos em busca de um novo perfil profissional. A pesquisa e a especialização também são indispensáveis, e para incentivá-las se criou um centro de pesquisas tecnológicas.

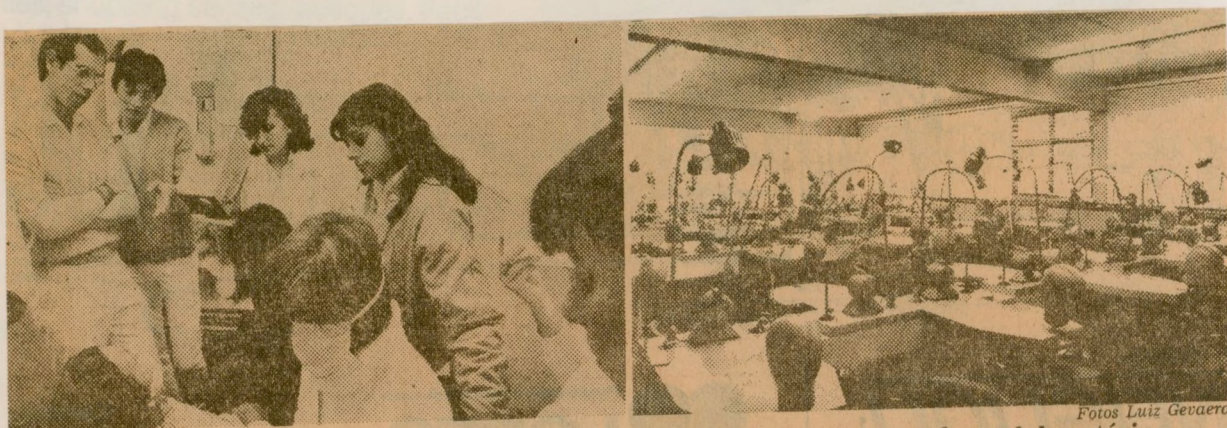
"Quando um professor apresenta um projeto, nós o encorajamos e, se necessário, o enviamos ao Exterior", afirma Di Genio, que explica essa facilidade pela complexidade de sua organização:

"Se dependesse da faculdade, seria difícil segurar o professor bem preparado. E mais difícil ainda seria montar laboratórios modernos como são os nossos. Os cursos não são mais caros do que os de outras escolas. Acontece que utilizamos o equipamento — os computadores, por exemplo — em toda a organização. Se fazemos um seminário para os alunos de Pedagogia, o colégio paga os custos, porque o proveito será dele também".

Os professores que dão aulas nos cursos de graduação participam de cursos de especialização e de atualização, recebendo à parte pelo trabalho e complementando assim o seu salário. É uma maneira de evitar a evasão.

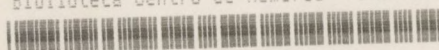
O sonho de João Carlos Di Genio, que fala com muito orgulho da eficiência e do bom nome de seus cursos, apesar das dificuldades que alguns deles enfrentaram, é transformá-los um dia em universidade. Por isso, ele os organizou em institutos nas três áreas clássicas do ensino — Exatas, Biológicas e Humanas — que já contam com 5.100 alunos, 430 professores e 152 funcionários no seu campus, no bairro de Mirandópolis.

VALENTE, Darwin. Em Mogi das Cruzes, opção é a qualidade.
O Estado de São Paulo, 23 set., 1984.



Fotos Luiz Gevaerd

Na Odontologia das Faculdades Objetivo, a prática se aprende em bons laboratórios



MAYRINK, José Maria. Realismo, a lição da Mackenzie. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 set., 1984.

Realismo, a lição da Mackenzie

Se todas as faculdades particulares têm cada vez menos candidatos nos vestibulares — consequência óbvia da crise econômica — não havia de ser a Mackenzie que ia ser exceção. Mas seu reitor, Felix Saverio Majorana, ainda tem motivos para ficar satisfeito: comparando com outras instituições, a situação de sua universidade é até boa demais.

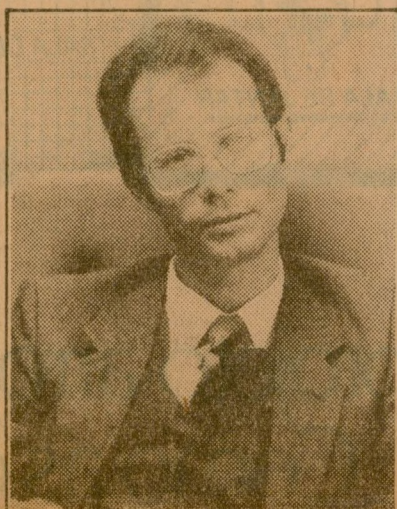
“Nos vestibulares do ano passado, nós tivemos uma perda de 4% em relação a 1982 (quando se inscreveram 22 mil candidatos), mas na Fuvest, que seleciona para cursos oficiais e gratuitos, a queda foi de 7,5%. O segredo é que a Mackenzie é a universidade mais barata do Brasil, tem seu *campus* a três quadras do metrô, bem no centro de São Paulo, e uma tradição de 114 anos.”

São 15 mil estudantes, 990 professores e 150 funcionários, sem falar nos alunos e servidores do Instituto Mackenzie — a entidade mantenedora, da Igreja Presbiteriana, que tem também cursos de 1º e 2º graus. Somados, eles chegam a uma população de quase 22 mil pessoas.

“Esta comunidade é o que se costuma chamar de *mackenzista*”, define o reitor, orgulhoso da opção que, de pai para filho, as famílias vêm fazendo pelo Mackenzie, do jardim da infância ao diploma universitário. Assim foi durante mais de um século e assim continua sendo, embora os cursos noturnos tenham descaracterizado um pouco esse amor à escola que se transmitia como uma herança.

O ideal, assim pensa o reitor, seria o “*mackenzista*” permanecer no Mackenzie durante todos os seus estudos, do pré-primário à universidade, sem qualquer barreira que, como o exame vestibular, pudesse impedi-lo, a exemplo do que acontece numa escola militar.

Se alguns não permanecem, pelo menos os bons alunos, não será por culpa da instituição. Além de ser uma escola barata (“os cursos de Engenharia e Economia, que são os mais caros, estão cobrando mensalidades que não passam de Cr\$ 110 mil”), o Mackenzie distribui Cr\$ 500 milhões em bolsas e oferece uma espécie de seguro que nem todos os alunos conhecem: quem perde o pai, em qualquer fase do curso, estuda de graça até se formar.



Reitor Felix Majorana

“Não temos dinheiro, mas também não devemos nada a ninguém”, orgulha-se o reitor, explicando tal milagre pela “política realista que a universidade vem seguindo”. Seus professores, por exemplo, trabalham todos no regime de hora/aula:

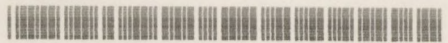
“Não é o ideal, melhor seria que se

dedicassem em tempo integral, mas é o nosso ideal, a única maneira de sobreviver sem cair no vermelho. Nosso orçamento é austero, pois não recebemos subvenções do governo, a não ser uma pequena ajuda para a disciplina ‘Problemas Brasileiros’ e alguns cursos de mestrado”.

Um segredo da Mackenzie para garantir a boa qualidade do ensino, mesmo sem recursos, são os convênios com empresas (Nestlé, Telesp e Siderbrás são apenas alguns exemplos), que abrem suas instalações para estágios dos alunos.

“Sem isso — afirma o reitor — não teríamos condição de treinar os estudantes em laboratórios. A universidade dá a teoria, a prática fica por conta das indústrias e é assim que formamos especialistas. A Universidade Mackenzie sempre foi tradicional em servir à comunidade, sempre foi uma instituição realista que sabe preparar o profissional que entra no mercado de trabalho sem trauma. Nossa escola de Engenharia tem 90 anos de tradição e a de Direito, mais nova, já está fazendo 30 anos.”

Há duas semanas, dentro de seu programa de integração universidade/indústria, a Mackenzie promoveu um congresso sobre armamentos, levando ao *campus* uma mostra de material bélico e especialistas em segurança, armas e engenharia militar. Grupos pacifistas reagiram (um frade escreveu no semanário *O São Paulo*, da arquidiocese, que os tanques apontavam seus canhões para a capela e viu nisso uma ameaça à religião), mas, para o reitor Felix Majorana, foi apenas mais uma promoção acadêmica, com debates e sem segundas intenções. Afinal de contas, as escolas formam também engenheiros militares.



MAYRINK, José Maria. *Vocação e dívidas, a contradição da PUC.*
O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 set., 1984.

Vocação e dívidas, a contradição da PUC

O número de candidatos aos vestibulares da PUC (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), que vinha crescendo sistematicamente até 1983 e caiu pela primeira vez no ano passado (foram 23.839), é agora ainda menor: apenas cerca de 21 mil rapazes e moças vão disputar em janeiro um total de 4.220 vagas que em 84 já não foram preenchidas.

"O dinheiro pesa", observa o professor José Nagamine, da assessoria técnica da reitoria, interpretando essa queda como maior reflexo da crise econômica. Maior, mas não único, pois existe também a evasão de alunos matriculados, sem falar naqueles que tratam de estudar à noite para trabalhar durante o dia.

"Os estudantes da PUC, como os de todas as universidades católicas, estão empobrecendo", conclui o vice-reitor comunitário, padre Edênio dos Reis Valle, com base numa pesquisa feita há dois anos, quando se tentou traçar o perfil dos candidatos aos vestibulares e se chegou a um dado surpreendente: 20% dos alunos vêm de classe média baixa, o que significa que não têm condições de pagar as anuidades.

"Não podemos resolver o problema sozinhos, mas a PUC aumentou as verbas para bolsas de estudos, que consomem aqui uns Cr\$ 700 milhões", diz o padre Edênio, lembrando que o problema não é só das escolas católicas, mas de todo o ensino particular, responsável por 70% das matrículas nos cursos superiores.

Mais do que apertos financeiros, é um dilema de consciência para a PUC. Como instituição que se inspira na linha pastoral da Igreja (e, de acordo com ela, leva seus serviços à periferia, dirige os estágios dos estudantes e discute problemas sociais como a questão agrária, o desenvolvimento urbano e a situação do negro), a universidade tem obrigação de atender os mais pobres. Mas, ao mesmo tempo, depende dos ricos, pois eles pagam 70% das despesas.

"O dinheiro das mensalidades que entra na tesouraria vai imediatamente para os professores", informa o vice-reitor comunitário, que calcula em Cr\$ 11,3 bilhões a contribuição dos alunos neste semestre.

Como a folha de pagamento dos professores, a maioria deles em tempo integral, chegará a Cr\$ 15,3 bilhões depois do reajuste, haverá um déficit de Cr\$ 4 bilhões. A PUC não tem de onde tirar recursos para cobri-lo e foi esse rombo que assustou o professor Antônio Jordão Netto: ele era candidato à reitoria, mas retirou o seu nome quando analisou bem as contas.

"A PUC tem remado contra a maré e vai conseguindo bons resultados", conclui o vice-reitor acadêmico Antônio Joaquim Severino numa frase, depois de analisar longamente a crise que a universidade vem atravessando. É uma crise que, assim ele diz, não se pode isolar da educação superior no resto do País:

"A situação é idêntica em todas as

universidades, não faz diferença aqui. Nota-se a queda de qualidade do ensino e isso é reflexo da clientela. A PUC cresceu muito, tem hoje mais de 15 mil alunos de graduação (são 16.940). Sente-se o impacto do estudante que consegue passar nos vestibulares, porque com a explosão das vagas se facilitou a entrada. Até 1968, a clientela era culturalmente selecionada. Com o aumento da demanda, eliminou-se o exame seletivo e assim acabou o que era uma pré-seleção. Difícil julgar se foi bom ou ruim, mas é certo que houve consequências negativas: o governo se omitiu pois foi quase nulo o aumento de vagas nas escolas públicas. E as particulares enfrentaram o desafio de maneira comercial demais, com uma falsa ideologia de iniciativa privada. A empresa-escola não pode ser como a empresa-mercado".

E como ficou a PUC nessa corrida? Passou por uma experiência contraditória, segundo o professor Severino, dependendo das mensalidades dos alunos, mas com atividades semelhantes às de uma universidade pública.

"Sua política interna é coerente com isso — argumenta o vice-reitor acadêmico —, pois é uma das poucas particulares que têm 80% do corpo docente em tempo integral ou parcial, um regime mais oneroso do que o de hora/aula."

Pode ser o ideal, mas é também uma das causas da má situação financeira da PUC, na opinião de alguns professores que, como Jordão Netto, acham essa política distante da realidade. A universidade, que até 1964 tinha gordas subvenções do governo federal, recebe agora menos de 2% de seu orçamento, "mesmo assim em três parcelas", segundo o padre Edênio Valle.

Resultados positivos, remando contra a maré? O professor Severino lembra os cursos de pós-graduação (2.850 alunos), a criação da carreira docente e o investimento sistemático em pesquisas (3% do orçamento), tudo isso com ênfase na área de Ciências Humanas que — nisso todos concordam — é a grande vocação de uma universidade católica.

Juarez Tadeu, presidente do Diretório Central dos Estudantes, que critica o aumento das anuidades ("elas subiram 1.000% nos últimos três anos"), elogia outros pontos. A PUC, lembra ele, foi a primeira a promover a discussão da universidade brasileira e, em 1983, incentivou a integração professores-funcionários-alunos.

"Com participação e democracia tivemos uma visão unificada dos problemas da universidade". Tadeu aponta deficiências em alguns cursos que dependem de laboratórios, mas acha que outros estão bem, "melhor até que na USP". É o caso de Jornalismo, o curso que ele faz.

Outra vantagem da PUC, na opinião dos estudantes, é a maior disponibilidade dos professores: eles estão frequentemente no campus, sempre prontos para atender a consultas e pedidos de orientação.

OLIVEIRA, Margarida de. Campinas: erro de cálculo. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 set., 1984.

Campinas: erro de cálculo

A Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puccamp), com um dos maiores patrimônios do ensino privado do País, amarga hoje sérias consequências de um erro histórico. Criada como instituição sem fins lucrativos, apoiou-se financeiramente nas anuidades, fonte quase exclusiva de sua receita, todos os anos boicotada pelos alunos. Sem recursos próprios para expansão, a universidade ainda acumulou nos últimos dez anos uma dívida de quase Cr\$ 10 bilhões — a maior parte em dólares e marcos — para construção da “Cidade da Saúde”, o campus II, onde se instalou um sofisticado hospital-escola com 600 leitos.

Criada em 1941, a partir da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a Puccamp cresceu muito, oferecendo hoje 46 cursos de graduação e cinco de pós-graduação nas três áreas de conhecimento. De sua sede central, no velho Palácio do Barão de Itapura, a universidade expandiu-se para uma estrutura física de 124 mil metros quadrados de área construída. Mas o número de alunos, que já chegou a ser de 23 mil, caiu agora para 18 mil. A explicação é o custo, que além de reduzir o número de candidatos aos vestibulares tem contribuído também para aumentar a evasão de alunos durante o ano letivo.

Os cursos mais baratos da Puccamp estão na faixa de Cr\$ 86 mil a Cr\$ 97 mil mensais. São os chamados “cursos de giz e saliva”, baratos para a instituição, mas caros para o aluno, pois ele tem de pagar todo o material didático. A administração alega que os recursos obtidos com os “mais rentáveis” — geralmente na área de Ciências Humanas — são transferidos para os “deficitários”, que exigem laboratórios e materiais de experiências. Mas os estudantes lembram que estes cursos “deficitários” cobram anuidades mais elevadas e todas as despesas de laboratório.

“No início do semestre, um colega da Odontologia se queixou de que uma lista de material exigido pelos professores implicava gastos da ordem de Cr\$ 900 mil”, revela o presidente do Diretório Central dos Estudantes, Caio Carneiro Campos. Ele lembra que um livro de Medicina não custa menos de Cr\$ 50

mil e que a biblioteca não tem qualidade para atender à demanda dos alunos.

Medicina é o curso mais caro: mensalidade de Cr\$ 252 mil, enquanto os outros cursos da área de Saúde cobram cerca de Cr\$ 140 mil. Apesar disso, a situação financeira da Puccamp é pouco confortável. Os Cr\$ 22 bilhões do orçamento deste ano (85% para pagar 1.500 professores e 1.400 funcionários) não cobrirão as despesas até o final do exercício, conforme adianta o reitor Heitor Regina.

Segundo ele, “como qualquer outra universidade particular, a Puccamp sofre os reflexos da situação econômica do País” e com a insistência na tese do ensino público e gratuito para todos ainda faz, como ensino privado, o papel de “vilão da história”. Ele observa que o ensino da universidade gratuita acaba saindo mais caro para a comunidade:

“Basta confrontar os orçamentos das estatais com as privadas. E o aluno da universidade privada paga a educação duas vezes: ao Estado, através dos impostos; à escola, através das mensalidades. Por outro lado, somente as universidades particulares mantêm efetivamente cursos noturnos. No caso da Puccamp, 50% dos alunos estudam à noite. As do governo ficam fechadas no período noturno, tornando-se escolas elitistas para classes privilegiadas”.

Heitor Regina não acha altas as anuidades da Puccamp (“os preços das particulares, especialmente das confessionais, como é nosso caso, concorrem com os de colégios e cursinhos”), mas os estudantes não estão de acordo. Caio Carneiro considera o ensino caro e alega que, “na maioria das unidades, a qualidade não corresponde ao preço”. Lembrando que os cursos de Humanas chegam a ter até 150 alunos por classe, ele justifica o boicote das mensalidades.

É uma arma perigosa, pois as anuidades correspondem a 97% da receita da Puccamp. Mas a reitoria está buscando outras alternativas e o primeiro passo está sendo dado: a universidade vai firmar convênios com agências federais para a pesquisa aplicada, ativando assim uma área que nunca fez parte de sua tradição.